

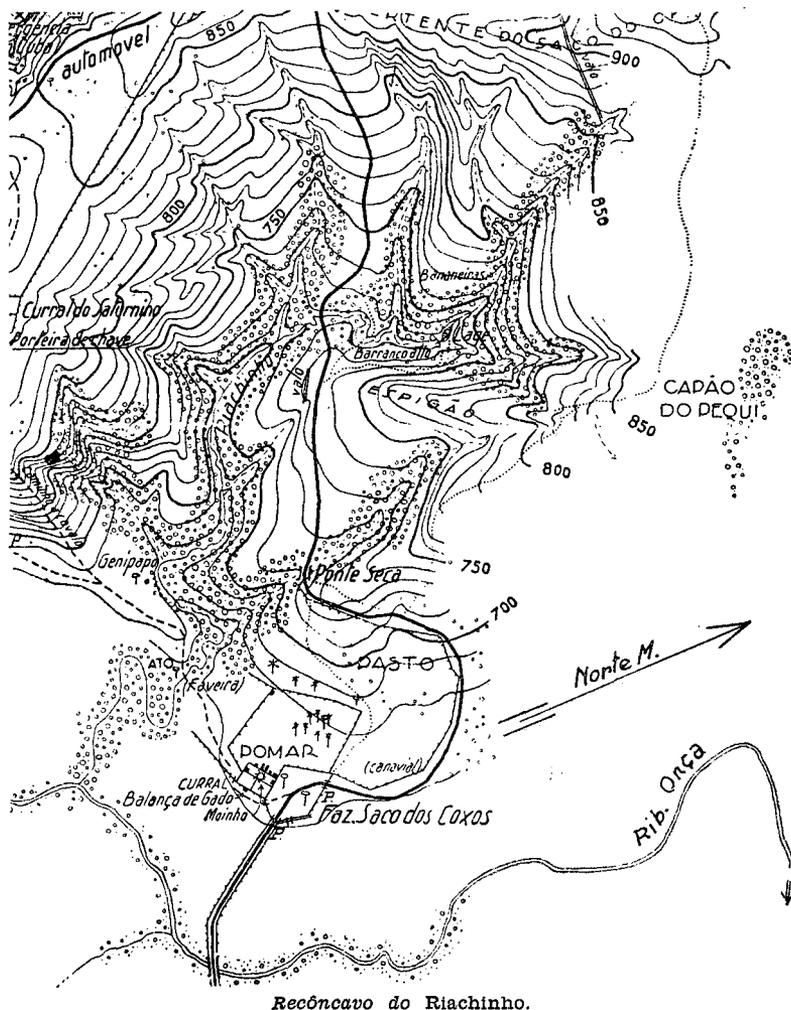
III

PARTE ESTE DA PLANTA GERAL DOS ARREDORES DA GRUTA DE MAQUINÉ

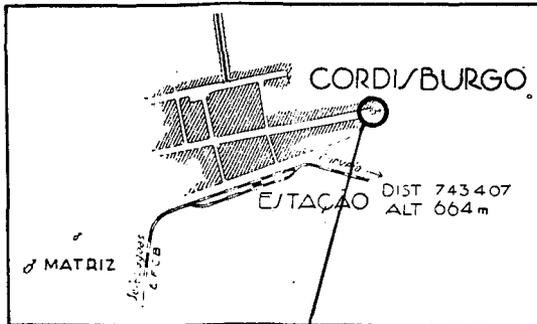
Os recôncavos do Riachinho e dos Monjolos, respectivamente, e separados pelo Espigão do Curral do Saturnino

O PERCURSO DA ESTRADA DE AUTOMÓVEL ENTRE CORDISBURGO E A GRUTA DO MAQUINÉ

A estrada de automóvel Cordisburgo — Gruta do Maquiné começa em um bambuzal da Rua São José, a partir de um longo corredor. Com 350 metros de percurso passa pela ponte bastante alta sôbre o Ribeirão Onça, cujos barrancos avermelhados e violados pelas enchentes se destacam vivamente das sombras escuras do arvoredado marginal e de algu-

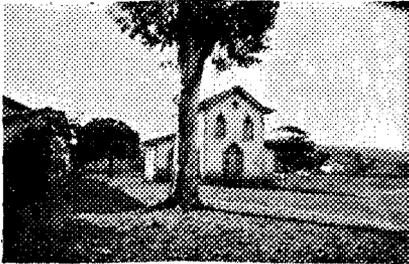


mas nesgas claras da extensa planície, com suas pastagens e lavouras. Com outros 350 metros de percurso e depois de uma curva da estrada para a direita, chegámos à porteira da fazenda *Saco dos Cochos*. Passámos, entre dois altos pés de



“tapicurú” com grossos troncos, ficando à esquerda a casa da fazenda com seus vastos estábulos, moinho, balança de gado, banheiro carapaticida e seus bem conservados currais.

Já quase ao pé das encostas da vertente, a estrada contorna, em grande semicírculo, uma pastagem que se estende atrás do pomar da fazenda, cujas centenas de árvores verde-escuras são pitorescamente excedidas pelos troncos esguios de altas palmeiras. Subindo sempre, atravessámos a extremidade inferior de um espigão que desce dos belos altos do *Capão do Pequí*. Estamos a cerca de 40 metros acima da fazenda e próximo do comprido capão do *Riachinho* (de 1.350 metros de extensão) com seus múltiplos ramos que entram em grotas e grotinhas secundárias.



O mais antigo santuário de Cordisburgo.
— Junho de 1940



Capão acima do ‘meio-rio’ e no caminho antigo entre o Curral do Saturnino e a atual estrada de automóvel para a Gruta do Maquine — Julho de 1940

Descendo pelo capão e passando por uma ponte seca, a estrada sobe novamente, saindo de uma estreita língua de mato. Em terras de campo com cerrado atingimos, à esquerda, um valo velho sôbre outro espigão mais em cima. É aqui o primeiro ponto de belo e vasto panorama. Mais uma vez a estrada desce, porém, só pela curta distância de 160 metros, passando a segunda vez pelo capão na travessia do

Riachinho, cujas águas turvas neste lugar não são convidativas. Tanto no espigão atrás, como na margem direita do *Riachinho* encontrámos trilhos para a “laje” dêste curso d’água. Nas imediações do “barranco alto” há vestígios de estrada abandonada debaixo de magnífico arvoredo.



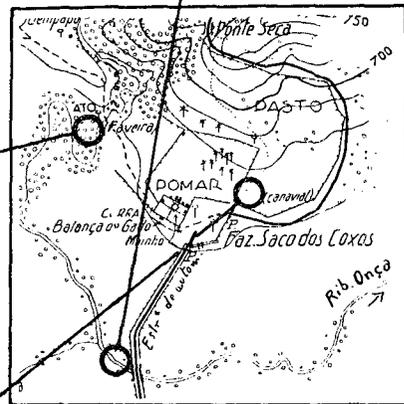
Cordisburgo — Bambuzal na Rua São José onde começa a atual estrada de automóvel para a Gruta do Maquiné — Junho de 1940



Aspecto do Rib. Onça, tirado sobre a ponte do mesmo, entre Cordisburgo e a Fazenda Saco dos Cochos — Junho de 1940



A “Faveira” árvore na margem direita do Riachinho e marcada pelo sinal “ATO”. Aqui passa o antigo caminho a cavalo para a Gruta do Maquiné (trecho da Fazenda Saco dos Cochos — Curral do Saturnino) — Junho de 1940



Pasto na Fazenda Saco dos Cochos. — Julho de 1940.



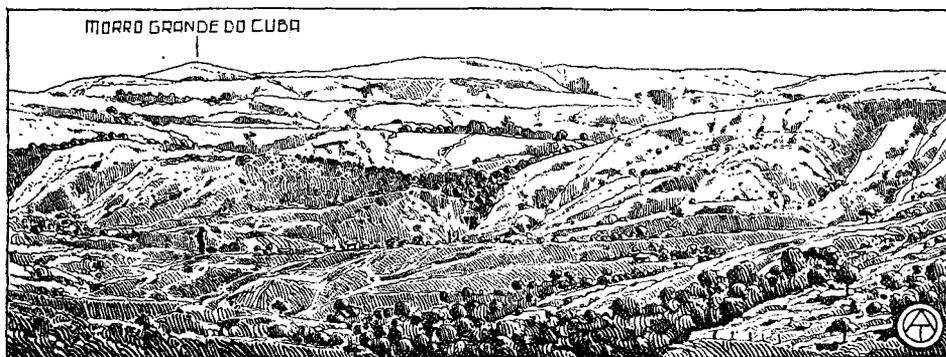
Travessia do Riachinho no percurso Cordisburgo — Gruta do Maquiné. — Julho de 1940.

Ao lado das “bananeiras” parece terem existido humilde casa e lavoura. É um dêsses recantos que falam, abandonados e esquecidos, e que às vêzes prendem a alma do viandante por inexplicáveis fios, ligando-o como que por encanto a tempos e episódios lá vividos, por gente desconhecida, aparecendo-nos como através de um véu sutilmente urdido. . .

Subindo agora pela alegre encosta entre duas línguas do capão, o comprido *Espigão do Curral do Saturnino* fica ao lado esquerdo. Atingimos a vertente entre Cordisburgo e a *Gruta do Maquiné* na porteira da estrada de carro para a fazenda *Saco do Mato*. Passando pelo alto da vertente do lado esquerdo, encontrámos um pouco adiante a porteira da comprida cêrca do *Curral do Saturnino*.

Estamos neste ponto na altitude de cêrca de 870 metros, ponto mais elevado do percurso da estrada, portanto a cêrca de 206 metros acima da estação de Cordisburgo (Alt. 664 metros) e a cêrca de 30 metros acima do curral citado. Desde as duas porteiras atrás, dois belos panoramas se oferecem: o do lado de Cordisburgo com sua vasta planície, sua casaria alegre, seu horizonte a leste com serras longínquas; e o do lado da extensa bacia do *Córrego Cuba*. Dêste lado avistamos, a 900 metros de distância, a fazenda *Saco do Mato*; mais adiante a do *Serafim*, o sítio de um agregado seguido por outro ao pé da *Cachoeira do Cuba* com seu denso arvoredado e por fim as grotas nos campos acima desta cachoeira. O horizonte é limitado pela própria vertente desta bacia, destacando-se o seu ponto mais elevado em forma de morro, porém pouco pronunciado.

A começar do ponto de altitude máxima da estrada, esta desce para o sul, separada ainda por uma distância de 650 metros (em linha reta) do limite extremo de um profundo recôncavo, aberto para N-O. É o recôncavo da *Gruta do Maquiné*. As descidas laterais à direita da estrada são muito fortes. Pelo contrário, ao lado esquerdo da estrada se estende um quase planalto, com terras de campo de cerrado bastante ralo e suavemente descendentes para o curral.



Vista panorâmica, tirada de um ponto do Alto do Sobrado. Aspecto parcial da bacia do *Córrego Cuba* a oeste da *Gruta do Maquiné*. Aparece no 1.º plano o capão que se estende até a imersão dêste córrego. Na parte central do desenho e no 2.º plano, está a cachoeira do Cuba, onde êste atinge a região mais profunda da bacia. Entre esta cachoeira e a linha do horizonte, a qual representa ao mesmo tempo o fundo da bacia, aparecem os campos da região alta da bacia. Notamos ainda, no lado esquerdo do desenho, o Morro Grande do Cuba, como sendo o ponto mais elevado da extensa vertente circular.

Chegámos ao ponto onde, para a esquerda, passa o antigo caminho a cavalo. Ao lado direito da estrada de automóvel notamos o belo exemplar de “pau de óleo” assinalado por “ATO”. Estamos nas imediações da altitude mínima da estrada em seu percurso sôbre a vertente, altitude que não passa de 845 metros. O antigo caminho a cavalo, já referido, contorna um pequeno capão, que precede as matas da grota do “meio-fio”,¹ em cuja acidentada parte inferior, e já no recôncavo dos *Monjolos*, reaparece o *Córrego Cuba*.

Subindo novamente, com cêrca de 400 metros de distância e 20 de diferença de nível, alcançámos a parte da vertente que separa a sub-bacia da *Lagoinha* do recôncavo da *Gruta do Maquiné*. Estamos sôbre um pequeno e isolado planalto. Notamos o tronco alvacento de uma “barriguda” à esquerda e pouco adiante um “pau de óleo” à direita da estrada (1940). Este planalto não passa de 150 metros de largura média, com alguma subida ao lado direito (oeste), porém, limitado em ambos os lados por fortes descidas laterais e subtraídas à nossa vista neste trecho plano da estrada.

Atingimos agora a antiga bifurcação sôbre vertente, onde em um boqueirão pouco pronunciado, e ainda em Junho de 1940, um trilho à esquerda descia para a *Lagoinha*, enquanto o outro, hoje estrada de automóvel, descia para a *Gruta do Maquiné*. Embora descendo continuamente, não passámos da parte superior do recôncavo supracitado, com seu comprido capão em profunda grota. E talvez não suspeitássemos que já estávamos contornando os fundos extremos dos vastíssimos compartimentos subterrâneos do grande ramo S-O (Salões do Dr. LUND) nem que passaríamos daí a pouco, sôbre o “Castelo das Fadas”.

O ponto terminal da estrada está em um pequeno assento do terreno descendente do recôncavo, quase defronte da entrada da grota e em lugar bastante aprazível.

Notamos aquí que o percurso da estrada de automóvel deixa a bacia ou recôncavo do *Riachinho* no alto da vertente entre Cordisburgo e a *Gruta do Maquiné* e no ponto preciso onde a comprida cêrca de arame desce em linha reta em direção ao *Curral do Saturnino*, seguindo pelo espigão do mesmo nome.

Existem muitos recantos aprazíveis neste recôncavo, de acesso fácil de todos os lados. O trilho que a N-O da fazenda *Saco dos Cochos* parte da estrada de automóvel, sobe para os lados do *Capão do Pequí* e da fazenda *Lagoa de Pedra*, oferece vistas e panoramas magníficos. Facilita ao mesmo tempo uma ótima inspeção em todo o aprazível e interessante conjunto topográfico desta parte da região. Como todos os outros recôncavos ou bacias em nossa planta geral contidos, também o

¹ Trata-se de um lajedo de côr amarelada, no qual se destaca uma veia muito branca, estendendo-se em linha rigorosamente reta na extensão de cêrca de 20 metros e com a largura dos meios-fios usados nas cidades. Tem os bordos destacados e parece como que embutido no lajedo por um pedreiro-especialista em cantaria.

conjunto dos presentes recantos tão belamente distribuídos deixam saudades quando percorridos em direções várias e quando devidamente apreciadas as intimidades da paisagem e da topografia.

*
* *
*

O LUGAR ONDE REAPARECE O CÓRREGO CUBA

A longa galeria do lacrimal intermitente que faz parte da *Gruta do Salitre* talvez tenha, pelo menos parcialmente, alguma semelhança com o percurso subterrâneo do *Córrego Cuba*. O que sabemos positivamente é o seguinte:

1. — A distância entre o ponto de imersão definitiva e o reaparecimento das águas é de cerca de 950 metros.

2. — Existe uma vertente ou divisor de águas entre os dois pontos citados.

3. — A diferença do nível entre estes dois pontos é de cerca de 80 metros.

4. — Estes dois pontos opostos estão situados nos fundos extremos de dois recôncavos opostos, ambos notáveis por suas encostas acidentadas.

5. — Os eixos longitudinais dos dois recôncavos opostos convergem para o ponto de altitude mínima da vertente que separa estes recôncavos.

O lugar do reaparecimento das águas do *Córrego Cuba* é no meio de um capão que desce do “meio-fio” (distante 150 metros da vertente citada). A água emerge repentinamente e em tôda plenitude entre grandes blocos de pedra, formando um pequeno açude de mais ou menos 12 metros de diâmetro. As águas, absolutamente imóveis e sem borbulho algum são de um leve azul-leitoso e em parte captadas para serventia na fazenda *Saco dos Cochos*. Estamos em um recanto um tanto melancólico e de muita sombra.

Atrás dos blocos de pedra sobe imediatamente uma estreita grota e densa mataria com outros blocos de maior dimensão ainda. Talvez a uns 15 metros acima do açude, encontrámos uma enorme “barriguda” cujo tronco cinzento-claro se destaca vivamente do fundo sombrio da bela grota, grota inteiramente sêca, apesar de conter água intermitente a partir do “meio-fio” em seu percurso superior e no belo planalto descendente dêstes lados.

A “sobra das águas” do açude serpenteia em voltas caprichosas sobre um leito de cascalho, contornando grandes pedras debaixo de bellissimo arvoredó. É maravilhoso o murmúrio quase imperceptível das minúsculas ondas, cristalinas agora e brilhantes, destas águas reapare-

cidas, como que desejando revelar por intermédio de vivos reflexos e seu murmúrio discreto algo de seu percurso subterrâneo. É um deslizar raso, em extremo diáfano e delicado, singular mistura de pressuroso e solene, não em bosque encantado, mas simplesmente em um dos inúmeros recantos de nossa terra, dêsses recantos encontrados em tôda parte, mas dos quais só rarissimamente sabemos extrair a preciosa essência.

A êste tão sereno e ao mesmo tempo ofuscante deslizar do *Córrego Cuba*, "morto e redivivo" seguem, sem transição alguma, imóveis poços sob a ramagem arcada de ambos os lados das margens pedregosas. E as águas, plácidas e de imobilidade hierática, retomam a côr misteriosa do açude.

Tendo depois passado em tôda a extensão do *Pasto dos Monjolos*, e sempre na alternância atraente entre aspectos risonhos de um suave deslizar e de quietude contemplativa, o *Cuba* abandona mansamente os recantos bucólicos do recôncavo. Entra na vasta planície, ainda sempre margeado por seu arvoredado inseparável, mas deixando agora êsse caráter concentrado e íntimo do seu quase solene ressurgimento das entranhas da terra. Toma aspecto mais profano, adaptando-se ao ambiente novo. Pelos mesmos meandros sinuosos de seus irmãos da planície e do próprio *Ribeirão Onça*, com êste se reúne.

Sua barra está situada a 950 metros em linha reta do açude,² ao lado do nascente e cêrca de 200 metros acima da barra do *Riachinho*.

*
* *
*

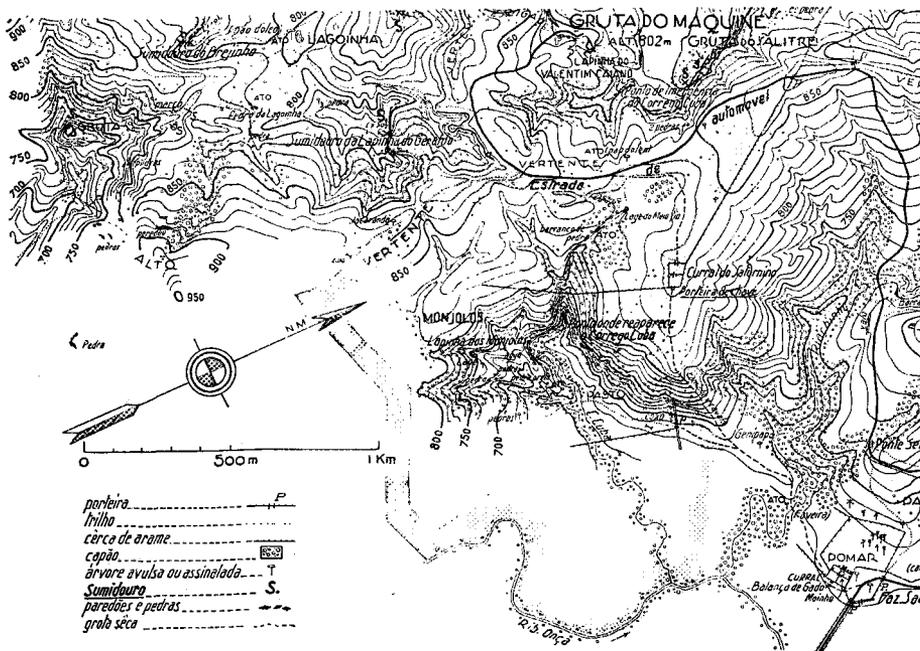
A LAPINHA DOS MONJOLOS

Êste pitoresco lugar está situado no recôncavo dos *Monjolos*, de encostas escarpadas em cujo fundo extremo reaparece o *Córrego Cuba*, após seu percurso subterrâneo de 950 metros. É notável por uma grande pedra de aspecto bizarro, quando vista de frente.

A gruta desta lapinha nasce na vertente circular da sub-bacia da *Lagoinha*, defronte do sumidouro da *Lapinha do Geraldo* sôbre o belo planalto em descida para a parte mais acidentada do recôncavo retrocitado. Existe um largo trilho que passa pelo *Pasto dos Monjolos*, rico em recantos bucólicos e por esta razão imprimindo a tão erma e silen-

² A título de curiosidade registramos aqui um fenômeno interessante, observado a poucos metros das grandes pedras entre as quais reaparece o *Córrego Cuba* e fixado em ligeiro esbôço durante a minha segunda e última visita a êste lugar. Trata-se de um comprido ramo vivo de uma pequena árvore, denominado "sete casacos" pelo povo. Êste ramo furou de lado a lado o tronco de uma árvore maior e muito mais alta. Tanto o ponto de entrada no tronco como o ponto de saída do ramo pelo lado oposto mostram uma tumefação em nítido relêvo, circular, gerada durante o processo de cicatrização. Aparentemente inexplicável o curioso fenômeno, todavia nada tem de misterioso. É que a um palmo acima da pseudo-perfuração cicatrizada o tronco se bifurca ou lança um grosso galho para um lado, porém até hoje em ângulo bastante estreito, "apertado". A perfuração marca o lugar inicial da bifurcação na qual o ramo comprido do "sete casacos" ficou preso. A bifurcação subiu com o crescimento da árvore mais alta, estreitando-se ainda mais até certa extensão superior, motivada por qualquer motivo desconhecido. As seivas das duas árvores de espécie diferentes misturavam-se, e formavam-se as duas cicatrizações na entrada e na saída do ramo comprido do "sete casacos".

ciosa região um cunho todo particular. Já foi descrito em página anterior o caráter idílico e solene do “Cuba redivivo” que percorre a parte baixa do recôncavo. Passando para a margem direita dêste córrego encontramos uma linda campina, deparando-nos em seguida com algumas grotas sêcas, atulhadas de grandes quantidades de pedras de todo o tamanho. Parecem oferecer-se com insistência para aproveitamento em alguma graciosa capelinha de estilo alpestre ou para um agradável abrigo em favor dos futuros excursionistas. Em todo caso é singular esta enorme acumulação de material de construção, distribuído de modo tão natural quanto discreto e útil dentre os encantos impressionantes da solitária paragem, sob belo arvoredado.

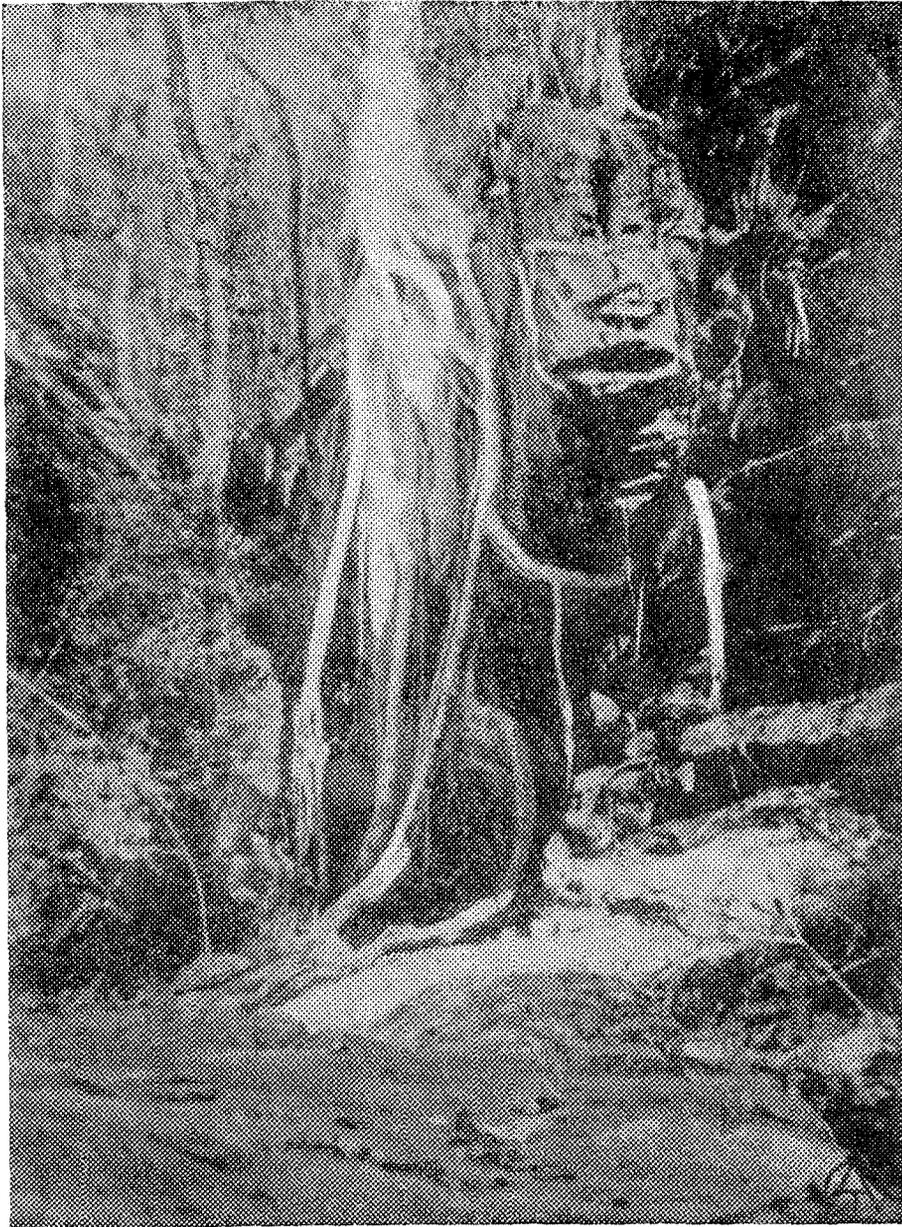


Recôncavo dos Monjolos.

A “lapinha” consiste em um pequeno trecho de uma grotta estreita, ao comêço da parte acidentada da encosta, com o fundo formado em parte por comprido lajedo e onde começam a subir, de ambos os lados, rochedos calcáreos.

Seguindo agora as indicações de nosso “croquis” a respeito, subimos por “talweg” do Lajedo (4) e deparámo-nos repentinamente com uma estranha figura de pedra abraçada pelas enormes raízes de uma gameleira, cujo tronco alvo brilha ao sol (3; vêde também a respectiva página inteira com reprodução fotográfica). A figura do “monstro de pedra” não passa de uma grossa e colossal laje desabada desde séculos do alto do paredão ao lado direito, e conservando até hoje a posição nitidamente vertical. É rachada de alto a baixo em sua parte posterior,³ medindo

³ Também esta parte posterior contém uma escultura espontânea: cabeça de homem de tipo gaulês antigo.

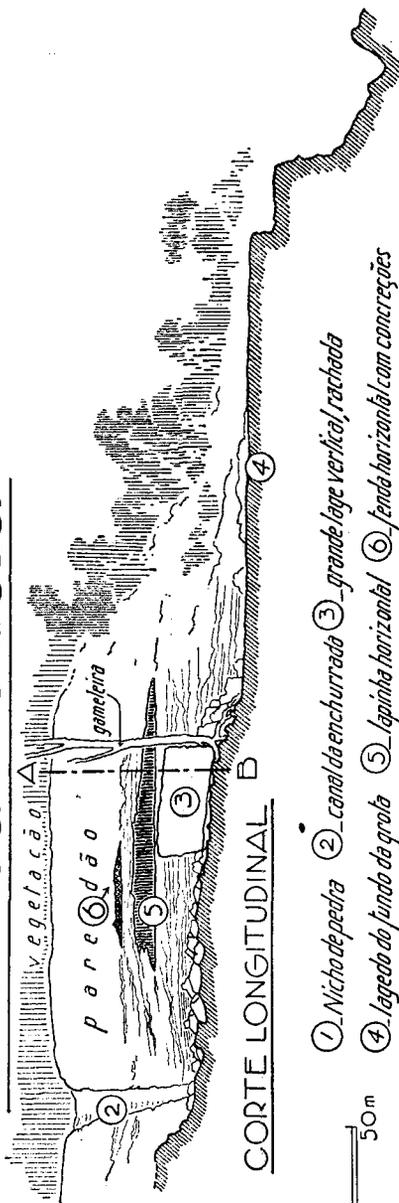
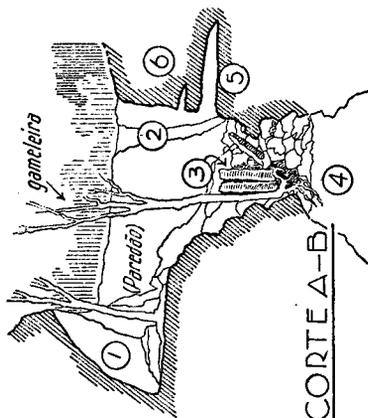


A Lapinha dos Monjolos. Este aspecto estranho representa um recorte feliz, colhido nas encostas rochosas em redor da Gruta do Maquiné. O olhar do "monstro de pedra" é dirigido para o lugar onde reaparece o córrego Cuba depois do seu percurso subterrâneo de 950 metros.

cêrca de 12 metros de comprimento por 6 de altura. Paralelo ao nível superior desta interessante laje e ao lado direito, existe a "lapinha" de insignificante altura e acompanhando as estratificações horizontais do paredão por uns 30 metros de extensão. A profundidade de reentrância látero-horizontal é de cêrca de 10 metros (5). Imediatamente sôbre a "lapinha" distinguimos uma estreita fenda horizontal, apresentando concreções calcáreas em forma de pequenas estalactites, parecidas a agudos dentes de pedra.

Posição: ao sudeste da Gruta do Maquine, 1.130m

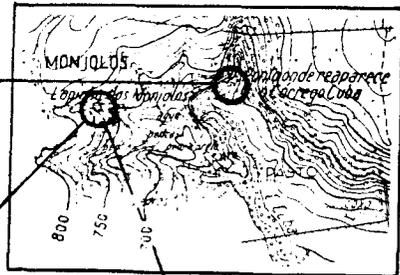
LAPINHA DOS MONJOLOS



- ① - Nicho de pedra
- ② - Canal da enchurrada
- ③ - grande lago vertical, rachada
- ④ - Lago do fundo da gruta
- ⑤ - lapinha horizontal
- ⑥ - janela horizontal com concreções

8.7.1940

O paredão (6) tem mais ou menos 40 metros de extensão e se estende até um fundo vivamente cavado pelas águas torrenciais. É o canal que a estas águas dá passagem (2). Neste ponto o paredão dá uma volta e aproxima-se de uma gigantesca pedra arcada em forma de "docel" sôbre um terraço elevado, dominando de modo pitoresco a atraente "lapinha". Algumas árvores de porte altivo contornam como sentinelas alertas este trono ciclópico sôbre o silencioso monstro de pedra. É "trono", pois um ultra-sólido banco de rocha não falta ao terraço, colocado como que de propósito bem no canto extremo da volta interior da grande massa de rocha, formando o pesado docel de pedra por sua parte superior (1).



O lugar onde reaparece o Corrego Cuba entre grandes blocos de pedra no terraço dos Monjolos — Julho de 1940



Lapinha aos Monjolos — Aspecto parcial da Grotta O primeiro plano representa um assento no terreno e dentro da própria grotta separado entretanto por um profundo rasgo do paredão no segundo plano paredão fortemente estratificado e corroído pela ação das águas — Julho de 1940



Lapinha dos Monjolos — Aparece a parte posterior da enorme "laje vertical" rachada de alto a baixo — Julho de 1940
("Escultura-espontânea" do lado posterior)

Os lados da grande laje e o fundo da gruta até o canal de escoamento das águas pluviais contêm inúmeras pedras e fragmentos de toda sorte, espalhados em caótica desordem.

A cerca de cento e poucos metros distante da *Lapinha dos Monjolos* achámos, em uma gruta secundária, uma cacimba d'água, aliás, marcada em nossa planta geral dos arredores da *Gruta do Maquiné*, planta que indica todos os pontos onde o excursionista possa encontrar o precioso líquido durante os meses da seca anual.

Descobrí este notável recanto no último dia de minha permanência durante um mês de incessante trabalho de campo nos arredores da célebre gruta; mas não resistindo a um último adeus a todos êsses saudosos recantos e, creio também, intensamente vividos, um adeus em um passeio solitário e retrospectivo, já sem a minha valorosa turma de três homens experimentados. Não dispondo mais da sólida trena de aço, as medidas do "croquis" da *Lapinha* são somente aproximadas. Entretanto a bússola e o aneróide entravam em devida ação também neste passeio simples. Dêste modo também este último recanto ficou acrescentado à planta geral.

Tendo tomado as anotações para o gráfico da lapinha na caderneta de campo, estive sentado por longo tempo no ciclópico banco natural sob o docel de pedra. Dia de sol sem nuvem alguma. Silêncio solene, interrompido por um cadenciado esvoçar de grandes asas. Singular êsse ruído, grave, sonoro e levemente silvando. Como que recebendo algo de inexplicável do espaço infinito, vibrante de luz.

Três gaviões circulavam em espirais majestosas a alta e solitária rocha sôbre o imóvel monstro de pedra.

RESUMÉ

L'auteur décrit la partie SW de la région de la grotte de *Maquiné* et s'occupe, particulièrement, du sous-bassin de *Lagoinha* (petite lagune) qui forme un abreuvoir naturel pour les animaux, de la *Lapinha* (petite grotte) de *Atamis*, dont la description est accompagnée de dessins en projections horizontales, de coupes verticales et d'une intéressante documentation photographique.

Plusieurs gouffres sont décrits avec une grande richesse de détails, comme ceux du *Brejinho* (petit marécage), des *Morcegos* (chauves-souris) et de la *Lapinha do Geraldo* (petite grotte de Gérard).

L'auteur décrit ensuite les versants du sous-bassin de *Lagoinha* tournés vers le sud et cette description est accompagnée, comme d'habitude, d'une bonne documentation.

L'auteur s'occupe ensuite de la partie orientale de la grotte de *Maquiné* en décrivant les dépressions du *Riachinho* (petit ruisseau) et des *Monjolos* (dispositifs pour écraser les grains). et il termine ainsi, les observations détaillées faites dans le alentours de l'importante grotte calcaire dont l'intrêt, du point de vue spéléologique, est déjà bien connu, et dont l'importance est encore une fois démontrée dans ce curieux travail, de fond essentiellement topographique et descriptif.

RESUMEN

El autor describe la parte SW de la región de la caverna de Maquiné, tratando de la cuenca secundaria de Lagoinha adonde hay un bebedero natural para los animales, de la caverna chica de Atamis, cuya descripción es acompañada por dibujos en planta y en cortes y por interesantes fotos.

Varios sumideros son descriptos con toda la minucia, tales como el de Brejinho, el de Morcegos y el de Lapinha do Geraldo.

Pasa después a describir las pendientes de la cuenca secundaria de Lagoinha hacia el lado Sur con la harta documentación habitual.

En seguida trata de la parte al oriente de la caverna de Maquiné con las concavidades de Riachinho y de Monjolos, terminando así las observaciones detalladas al rededor de la importante caverna caliza cuyo interés bajo el punto de vista espeleológico ya por demás conocido, es aún más exaltado en este curioso trabajo, de carácter esencialmente topográfico y descriptivo.

RIASSUNTO

L'autore descrive la parte Sud-Ovest della regione della grotta di Maquiné, trattando del bacino secondario della Lagoinha, dove esiste un abbeveratoio naturale per il bestiame, e della Pietra dell'Atamis, la cui discrizione è accompagnata da disegni in pianta e in sezione e da interessanti fotografie.

Descrive minutamente i luoghi in cui il corso di vari fiumi diviene sotterraneo chiamati "sumidouro" do Brejinho, dos Morcegos, da Lapinha do Geraldo.

Descrive con larga documentazione, il versante meridionale del bacino secondario della Lagoinha.

Tratta in seguito della zona ad Est della grotta di Maquiné, con le valli del Riachinho e dei Monjolos, terminando così le particolareggiate osservazioni su quell'importante grotta calcarea, il cui interesse speleologico è posto in rilievo da questo interessante lavoro, che è principalmente di carattere topografico e descrittivo.

SUMMARY

The author presents a survey of the southwestern part of the region of Maquiné Cave, covering the Lagoinha sub-basin where there is a natural watering place for animals having source at the Lapinha do Atamis. The description is accompanied by chart and section drawings and by photos.

Several sink holes are minutely described, such as Brejinho, Morcegos and that of Lapinha do Geraldo.

He then describes the water-cheds from the Lagoinha sub-basin southwards, with his usual profuse documentary material.

Next he considers the eastern part of Maquiné Cave with its Riachinho and Monjolos reconcavos and comes to the end of his detailed description of the important calcareous cave. The already wide-spread speleological interest in the cave is raised further through this curious paper which is essentially topographical and descriptive in character.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser beschreibt den südlichen Teil der Höhle von Maquiné. Er erwähnt das unterirdische Wasserbecken der Lagoinha, an dem es eine natürliche Tränke für Tiere gibt, die Höhle von Atamis, deren Beschreibung von gezeichneten Karten, Querschnitten und interessanten Photographien begleitet ist.

Verschiedene Schluchten sind mit grösster Genauigkeit beschrieben, wie zum Beispiel die von Brejinho, Morcegos und die kleine Höhle von Geraldo.

Dann geht er dazu über, von den Abflüssen der Lagoinha nach Süden zu sprechen, mit gewohnheitsgemäss reichlichen Belögen.

Im Folgenden behandelt er den östlichen Teil der Höhle von Maquiné mit den Ausbuchtungen von Riachinho und Monjolos und so schliesst er seine in Einzelne gehenden Betrachtung über diese wichtige Kalksteinhöhle, für die das Interesse vom Standpunkt des Höhlenforschers aus já schon allgemein war, das nun aber durch dieses eigenartige, von Grund auf topographische und schriftstellerische Werk noch bedeutend erhöht worden ist.

RESUMO

La aŭtoro priskribas la sudokcidentan parton de la regiono de l' groto de Maquiné, pritraktante pri la subbaseno de Lagoinha, kie estas natura trinkejo por la bestoj, pri la groteto de Atamis, kies priskribo estas akompanata de desegnaĵoj konsistantaj el plano kaj sekcoj kaj de interesaj fotografajoj.

Diversaj akvoturniĝoj estas detale priskribataj, nome tiu de Brejinho (*Marçeto*), tiu de la Vespertoj kaj tiu de la Groteto de Geraldo.

Poste li priskribas la deklivojn de la subbaseno de Lagoinha, kiuj sin direktas al la suda parto, aldonante abundan dokumentaron.

Sekve li pritraktas pri la orienta parto de la groto de Maquiné kun la ĉirkaŭaĵoj de la riveretoj Riachinho kaj Monjolos, tiel finante la detalajn observojn pri la grava kalkeca groto, kies intereso laŭ la jam tro konata speleologia vidpunkto, estas ankoraŭ pli laŭdata en tiu ĉi kurioza verko, je esence topografia kaj priskriba fundo.